

IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2012.

Estratégias na formação de estudantes de psicologia: a escrita como ato.

Marcondes Machado, Adriana.

Cita:

Marcondes Machado, Adriana (2012). *Estratégias na formação de estudantes de psicologia: a escrita como ato*. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-072/469>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/emcu/ozs>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

ESTRATÉGIAS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: A ESCRITA COMO ATO

Marcondes Machado, Adriana

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Resumen

Os estudantes de graduação do Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, ao cursarem as disciplinas relacionadas à área da Psicologia Escolar, realizam estágios em instituições educativas. Esse artigo visa problematizar alguns desafios enfrentados na formação dos estudantes de psicologia e apresentar uma das estratégias de enfrentamento desses desafios: um procedimento de escrita denominado cartas-relatórios. Esses escritos são entregues aos profissionais dos equipamentos em que os estágios são realizados e exigem que os estagiários considerem a escrita como ato do trabalho de intervenção.

Palabras Clave

Psicologia-Escolar formação intervenção relatórios

Abstract

ESTRATEGIES FOR PSYCHOLOGISTS' EDUCATION: THE WRITING AS AN ACT

While coursing disciplines related to School Psychology, undergraduate students at the University of São Paulo Psychology Institute are required to hold internships in educational institutions. This article intends to discuss some of the challenges faced in the training of psychology students and to present one of the strategies used to address such challenges: a procedure which involves writing what we call report-letters. Such reports are submitted to the professionals who work for the organizations where the internships are held. Writing these reports requires interns to consider writing as an act in the intervention work.

Key Words

scholl-psychology education intervention reports

Introdução

Este trabalho faz parte de uma investigação sobre os problemas e desafios que se operam na formação de alunos do curso de psicologia. O objetivo da mesma é pesquisar como os estagiários de psicologia têm analisado os problemas produzidos no espaço escolar e desenvolver estratégias para problematizar essas análises. O material de investigação foram os relatórios semanais escritos pelos estagiários durante a experiência de estágio. Trabalhamos com o material de dois grupos de estagiários (com seis alunos em cada grupo) cujo trabalho se deu em 2011 em uma escola pública de ensino fundamental na cidade de São Paulo. Apresentaremos, a seguir, o contexto produtor dos desafios dessa investigação.

O Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo tem muitos serviços que realizam atendimentos e outras práticas em que há a participação dos estudantes do curso de graduação. Esses serviços são vinculados a disciplinas teóricas e, neles, trabalham psicólogos e docentes do Instituto de Psicologia. Um desses serviços é o Serviço de Psicologia Escolar, articulado com disciplinas referentes à interface psicologia e educação. Em uma dessas disciplinas, os estudantes de psicologia realizam estágios em instituições educativas (escolas públicas, casas abrigo, equipamentos complementares à escola) que são organizados e supervisionados pelos psicólogos contratados pelo IPUSP.

No trabalho do Serviço de Psicologia Escolar temos acumulado muitas experiências sobre questões oriundas das escolas públicas de São Paulo, da formação dos alunos de psicologia e da relação psicologia/ educação. A supervisão dos estágios se opera no encontro dessas questões.

O posicionamento teórico das disciplinas dessa área no Instituto de Psicologia da USP realiza uma crítica em relação às práticas higienistas, à medicalização e aos saberes presentes na criação de uma psicologia científica que define as causas do fracasso escolar como determinadas pelas características dos alunos das classes populares e de suas famílias, o que justificaria a demanda, à psicologia, de prevenção, correção e adaptação. Esse movimento foi intensamente estudado por muitos autores (Freitag, 1980; Patto, 1990; Saviani, 1985) que analisaram o caráter ideológico do discurso da psicologia científica do século XIX em relação à produção do fracasso escolar ao criar saberes com o objetivo de avaliar aqueles que fracassam sem considerar a questão política e social presente nessa produção.

Ao desconstruir esses efeitos de verdade, o campo político, social e econômico se faz presente na produção dos acontecimentos do dia a dia escolar: o funcionamento escolar, o cansaço de tantos professores, as péssimas condições de trabalho, a produção da

intensa desigualdade social presente em um sistema educacional fruto do descaso político.

Imbuídos de uma postura crítica, os estagiários de Psicologia Escolar vão para o campo, para as instituições educativas, e estabelecem, pela primeira vez, a experiência de terem de agir nas concepções presentes nas demandas de tratamento, prevenção, adaptação e atendimento presentes na formulação dos professores. Embora os estagiários reconheçam que essas demandas verbalizadas pelos professores sejam produzidas por concepções e práticas presentes na área da psicologia (portanto, a demanda é necessariamente construída em uma relação constituída historicamente) eles, em um primeiro momento, analisam os acontecimentos escolares como se não tivessem relação com essa produção. Essa forma de pensar - analisar o outro como fora da relação na qual a análise se dá - é engendrada no campo social e está presente na maneira como os estagiários relatam e escrevem sobre os acontecimentos nos estágios.

O estágio e a escola atravessados por instituições

Produzimos um olhar estrangeiro nesses trabalhos. Essa posição exige pensarmos como a psicologia analisa essa instituição, como compreende os processos que lá se efetuam, que leitura faz da produção histórica dos fenômenos presentes no dia a dia escolar. Essa apreciação coloca a própria psicologia em análise, isto é, ao pensar o funcionamento da escola revela-se uma certa forma de operar uma certa psicologia. Nesse trabalho, alguns professores indicam que questões emocionais são determinantes da capacidade de aprender revelando, com isso, as marcas da psicologia na constituição daquilo que nos é relatado como problema na escola. E temos acompanhado a intensa presença do discurso médico para compreender e encaminhar questões de outras ordens. Há um grande número de crianças e jovens medicados e submetidos a diagnósticos que transformam as várias formas de ser, em doenças a serem curadas.

A produção da demanda na relação entre os professores que trabalham nas escolas e os estagiários de psicologia nos convoca a pensar a multiplicidade de questões presentes na constituição de uma demanda. As necessidades que os professores encaminham à psicologia não são criadas pela escola e sim por saberes e práticas engendrados no campo social, que se instituem na escola. Essa idéia advém de um posicionamento sobre a maneira de entender o que seria uma instituição, termo tão amplamente utilizado nos trabalhos psicológicos hoje em dia.

Rodrigues (1987) afirma que o termo instituição tornou-se um tanto banalizado no decorrer do tempo. Esse termo parece onipresente nos discursos psi. Uma moda que produz discursos do tipo: “é preciso levar em conta a dimensão institucional”, “deve-se trabalhar a instituição e não seus membros”, “deve-se tratar a instituição”, “esse menino não aprende, é um problema institucional”.

A história desse termo nos trabalhos psi advém de análises feitas no movimento da antipsiquiatria. “Da descoberta de que as instituições podiam adoecer e fazer adoecer mais do que tratar à invenção italiana da desinstitucionalização da doença mental” (Vicentin, 2007, pg174), a Reforma Psiquiátrica entendeu que não há como tratar, sem tratar a instituição, isto é, sem intervir em saberes e práticas que se instituem em uma instituição. Por exemplo, no caso da cultura

manicomial, presente no campo social, há a necessidade de trabalhar: a segregação dos profissionais, os especialismos, a fragmentação de saberes, as relações de dominação. Aquilo que se institui (essas instituições) precisa ser colocado em análise.

As concepções e relações de poder se instrumentalizam em certas práticas: a separação entre melhores e piores, competentes e incompetentes, a concepção de sujeito como um em-si, a idéia de que é possível ser neutro em uma relação de investigação sobre o sujeito, instrumentalizam-se em certas práticas - o diagnóstico, as salas especiais, as observações, a demanda sobre o que a criança tem, os relatórios e laudos. Rodrigues (op.cit.) aponta que essas concepções e relações de poder é que devem ser interrogadas quanto às suas condições históricas de sua produção e reprodução.

Esse movimento que institui concepções, relações de poder e práticas, tem efeitos de naturalização. Em relação à demanda, muitas professoras esperam que possamos avaliar um aluno tendo acesso a algumas produções dele, como se os problemas vividos por esse aluno encaminhado não tivesse relação com as práticas presentes no campo social. Essa é uma naturalização perigosa: a idéia de problemas psicológicos como fenômeno objetivo, neutro e intrínseco. Mas, essa naturalização é a matéria-prima de nosso trabalho, isto é, chama-nos a atenção o grande número de psicólogos que se queixam desse tipo de demanda, desconsiderando a multiplicidade de questões que se abre a partir do estabelecimento de uma demanda. Talvez essa questão tenha relação com uma formação que, apesar de crítica, não têm instrumentalizado os psicólogos para a intervenção.

Os estagiários de psicologia da USP entendem que os problemas da educação pública em nosso país (o fracasso escolar) e os acontecimentos do dia-a-dia escolar são efeitos do funcionamento político e econômico do campo social (Meira, 2003; Tanamachi, 2000; Machado, 1987). Mas, ao realizarem os estágios nas escolas públicas, percebemos que, no início, eles entendem como equivocada, imprevista e errada a forma de agir de muitos professores. Dessa maneira, os estagiários reproduzem uma postura julgadora que transforma em histórias únicas aquilo que percebem, não acessando a multiplicidade de sentidos presentes na constituição de um gesto, de uma demanda, de um fato. Eles consideram a necessidade de pensar a presença do funcionamento do sistema social na constituição dos processos de subjetivação, isto é, afirmam que as relações devem ser colocadas em análise - relações que são relações de força (Foucault, 1996). Mas, muitas das colocações dos estagiários mantêm o lugar de discurso competente julgando os acontecimentos de maneira exteriorizada, como se suas análises não estivessem presentes na constituição daquilo que estão analisando. Entendemos que a intensidade dos acontecimentos do dia a dia escolar (situações de violência, professores sobrecarregados, intenso atravessamento de problemas sociais, falta de tempo e de estrutura) sugeriria aos nossos estagiários que os mesmos não teriam relação com a produção desses processos de exclusão operados pela lógica do mercado e do sistema capitalista. São alunos do 4^a ano da graduação de Psicologia (curso com duração de cinco anos) com poucas experiências em trabalhos de intervenção institucional fora da universidade. Essas dificuldades para perceber as instituições que atravessam e determinam suas formas de entender e analisar, criam um desafio para o trabalho de supervisão: investigar formas de intensificar o acesso, a percepção e a intuição sobre a relação entre o que pensam e o que produzem com seus pensamentos e ações.

A escrita como ato

Como exercer a postura crítica? Essa pergunta é formulada pelos estagiários quando iniciam seus estágios em escolas públicas. Contam-nos que sabem o que não é para fazer: sabem que existem práticas que discriminam e rotulam, que existem ações que reduzem os sujeitos a índices e números, que a psicologia e os psicólogos reproduzem relações de desigualdade de poder, sabem sobre o perigo de interpretações totalitárias e de encaminhamentos de alunos das escolas para avaliação psicológica e para outros atendimentos, quando esses isentam o funcionamento social e institucional da responsabilidade pela produção de fracasso escolar. E perguntam: como agir diferentemente disso? Como agir de maneira crítica?

Os estagiários são divididos em pequenos grupos (cerca de 6 a 8 estagiários em cada grupo). Cada grupo desses cumprirá: duas horas semanais de supervisão, duas horas semanais de estágio na instituição, duas horas semanais de aula teórica e tempo para escrita de relatórios semanais com descrição e análise dos acontecimentos vividos no estágio. Portanto, na instituição, os estagiários ficarão cerca de duas horas semanais. Cada dupla de estagiário se responsabilizará por uma situação apresentada por algum professor da escola em que o estágio se efetuará. É comum essas situações serem, inicialmente, apresentadas como sendo referente a UM aluno com o qual há muita dificuldade para ensinar ou se relacionar. Transformar esse nome próprio - de um aluno - em um tema, em uma situação a ser investigada, será parte do objetivo do trabalho de intervenção.

Muitas perguntas dos professores se relacionam a esse UM. O que ele tem? Por que ele é assim? Aparece a idéia de que existiria uma causa anterior a ser descoberta e sanada. E, é como se aquilo que se apresenta, aquela forma de ser, não fosse uma afirmação, uma positividade, algo que se tornou necessário. Essa confiança em que haveria uma causa anterior e interna dificulta a busca pelo processo de produção que deu existência a uma certa forma de agir e pensar.

As cenas vividas durante o tempo do estágio revelam que os processos de subjetivação se constituem no dia a dia, nas relações. Em um dos relatórios semanais sobre o estágio, uma dupla de estagiário escreveu:

Mário, 11 anos, é famoso na escola. Não sabe ler e escrever, não tem participado de aulas de reforço e, sempre que pode, faz ameaças aos professores. Está no 5º ano (último ano do Ensino Fundamental I, em que os alunos têm aula com professores polivalentes – um professor por turma). Ele faltou nas duas primeiras semanas de aula, alguns professores achavam que, talvez, tivesse desistido da escola, embora a legislação brasileira defenda ser obrigatório que uma criança com a idade de Mário esteja freqüentando a escola. Era uma terça-feira, quando Mário chegou à Escola. A coordenadora pedagógica, quando o viu, surpreendeu-se e disse: estava bom demais para ser verdade! Mário entendeu o recado e começou a agredir e xingar. A coordenadora pedagógica foi irônica e agressiva.

Ao narrarem essa cena na supervisão, os estagiários se mostravam admirados e indignados. As idéias dos estagiários giravam em torno de conseguirem mostrar, demonstrar, conscientizar a coordenadora pedagógica sobre o que ela havia feito. Buscavam algum tipo de intervenção em que pudessem mostrar à coordenadora que a atitude dela havia sido agressiva. A coordenadora estava insatisfeita com

Mário e, os estagiários de psicologia, insatisfeitos com a coordenadora.

Criamos uma estratégia que pudesse intensificar um processo que ampliasse o campo de análise daquilo que acontece e intensificasse a capacidade dos estagiários perceberem-se como forças nas relações que habitam: a escrita, desde o início do estágio, de uma carta-relatório (assim foi denominada) para os profissionais da instituição na qual o estágio está sendo realizado. Essas cartas relatórios têm tido uma função importante, um exercício para se colocarem no processo de produção dos fatos. Explicarei a seguir.

As perguntas que inspiram esses escritos são: para quê, qual a função do estágio de psicologia na escola? Que situações vivenciaram e participaram? O que pensaram sobre essas situações? O que propõem? Esses escritos são pedidos logo depois das primeiras idas à escola e serão entregues para a escola ao final do estágio, que tem a duração de 4 meses. Entre a primeira e a última versão da carta-relatório, esses escritos terão muitas variações, pois a cada dia de estágio, essas informações mudam.

Cada dupla de estagiários funciona de forma diferente em relação a esse escrito: em algumas, os alunos escrevem juntos; em outras duplas, um escreve primeiro e, depois, pede para o outro fazer sugestões.

A escolha das palavras exige tempo. Os estagiários relatam as dificuldades para realizarem essas escolhas, pois vão percebendo que nenhuma palavra é suficiente. Eles têm que pensar na sequência das frases, no que pretendem dizer antes e depois, em como vão desenvolver uma linha argumentativa, nos efeitos que querem produzir.

Assim, uma dupla escreveu sobre o objetivo do estágio: O objetivo do nosso estágio é compreender como vem se operando a questão da inclusão no ensino Fundamental II da rede municipal de ensino. A pergunta que se colocou na supervisão foi: compreender? Estamos lá para compreender? Semanas depois, essa mesma dupla entregou outro escrito relatando mudanças nessa frase: O objetivo do nosso estágio é vivenciar, nessa escola, as práticas de ensino frente à política de educação inclusiva. Na supervisão a discussão trouxe a questão de que o estágio tem como um dos objetivos a formação que se dará por meio de vivências, de experiências, mas, estamos lá para vivenciar? Em outro momento, já na época do final do estágio, eles escreveram: O objetivo do nosso estágio nessa escola é, participando das práticas com alunos com necessidades educacionais especiais no ensino Fundamental II da rede municipal de ensino, buscar, em um trabalho conjunto com os professores, estratégias frente a algumas questões presentes nesses processos de escolarização e que se fazem presentes nas maneiras singulares como esses alunos têm vivido o processo de escolarização.

Compreender, vivenciar, desenvolver estratégias, tudo isso está presente. Escrever sobre modos de ser singulares relacionados com as questões presentes no processo de escolarização potencializa pensarmos no inacabamento dos processos de subjetivação, nas indeterminações que possibilitam apostas, nas ações que criam brechas em histórias cristalizadas. A compreensão dos fenômenos, a participação e vivências, são fundamentais. Mas, eles tem uma clara intenção.

Nesses escritos, acompanhamos as transformações na forma de

pensar dos estagiários. É comum, no início, escreverem de forma a mostrar o que falta, o que deve acontecer e não está ocorrendo. Vejamos isso em um trecho de um relatório semanal:

Um aluno com deficiência, do 6º ano (antiga 5 série), ficava parado, sem fazer nada, na sala de aula regular. A professora tinha receio de pedir coisas a ele, achava que era constrangedor, pois esse aluno apresentava muitas dificuldades. Por isso, pedia coisas muito simples: pintar um desenho já feito, copiar uma letra. Eu, percebendo que o aluno estava desanimado (afinal, ele podia mais) e que a professora estava receosa (desconhecia outras possibilidades na relação com esse aluno), perguntei para a professora se haveria algum livro infantil que esse aluno poderia se interessar. A professora citou alguns livros de literatura infantil que havia na biblioteca e que esse aluno teria, inclusive, condições de ver sozinho, pois eram histórias sem escrita.

O foco, em uma situação como essa, não é criar estratégias de alfabetização e de interesse. O foco é intervir naquilo que impede a professora de se aproximar e ensinar esse aluno. A idéia dos livros também não é um método para ensinar. Ela surgiu, pois essa estagiária estava à espreita, atenta às possibilidades que ocorriam: um dia esse aluno havia pegado um livro de um colega para folhear, a estagiária estava na sala e percebeu interesse nele. Portanto, ficar à espreita, atenta ao que pode produzir laço, interesse, expansão.

Na versão final da carta-relatório a estagiária explicita seus receios e suas apostas. Receios e apostas que coincidem com os da professora, pois ela também tinha receio de constranger esse aluno. A estagiária narra um percurso ao invés de analisar o percurso da professora visando romper um discurso representativo no qual falaria sobre o outro, a respeito do outro e, dessa forma, afetar o leitor sobre a curiosidade de Claudinei: Um dia, estava na sala de aula atenta ao que Claudinei fazia. Percebi que ele demonstrou interesse por um livro. Cheguei perto dele e, ao invés de perguntar se ele gostaria que eu lesse o livro para ele, perguntei se eu poderia ler ao lado dele (talvez isso nem fizesse diferença, mas estava receosa de invadi-lo). Ele aceitou, vimos as figuras juntos e fomos apontando coisas interessantes, um para o outro.

Conclusão

Os estagiários precisam de tempo e de trabalho solitário para perceberem os efeitos que os escritos produzem. E, nesse tempo desenvolvem mais acesso e condições de perceberem as intensidades das forças nas relações que estabelecem.

Essas cartas-relatórios são revistas muitas vezes pelo supervisor do estágio e pelo grupo de supervisão. A leitura de alguns trechos no grupo de supervisão traz a multiplicidade de efeitos a serem considerados, pois os estagiários percebem dimensões diferentes produzidas pela escrita. Aprendemos a ter cautela com algumas palavras, por exemplo, quando se escreve que algo AINDA não está funcionando de uma maneira ideal. A palavra “ainda” é perigosa. Por exemplo, na frase “A escola ainda não está realizando uma prática que inclui todos os alunos”, fica parecendo que a escola deveria fazer isso e desconsidera-se toda a situação que produz as coisas serem da forma como são.

A construção das cartas-relatórios faz parte de uma estratégia micropolítica para afetar a maneira de pensar dos estagiários.

Bibliografia

- Deleuze, G; Guattari, F. (1996) Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia, vol3. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Foucault, M. (1973) [1996] A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Nau.
- Freitag, B.(1980) Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Editora Moraes.
- Machado, A. M. ; Souza, M. (1997) Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Meira, M.; Antunes, M. (2003) Psicologia Escolar: práticas críticas. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Patto, M.H.S. (1990) A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, SP: Editora T. A. Queiroz.
- Rodrigues, H.C.(1987) A análise e a profissionalização do psicólogo. In Saidon,O; Rachel,V. (orgs). Análise Institucional no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Editora Espaço e Tempo Ltda.
- Saviani, D. (1985) Escola e Democracia. São Paulo: Editora Cortês.
- Tanamachi, E.; Proença, M.; Rocha, M. (2000) Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Vicentin M.C. (2007) Transversalizando saúde e educação: quando a loucura vai à escola. In Machado, A.M., Fernandes, A; Rocha, M. (orgs) - Novos Possíveis no encontro da Psicologia com a Educação. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.